

## NO TOCANTE À LEITURA DO GÊNERO *CARTA DO LEITOR*: UM OLHAR SOBRE OS ELEMENTOS MODALIZADORES

Marcos Antônio da Silva<sup>1</sup>  
Luiz Henrique Santos de Andrade<sup>2</sup>

### RESUMO

Objetivamos, neste artigo, apresentar uma discussão sobre a leitura do gênero *carta do leitor*. Mais especificamente, intentamos, aqui, lançar um olhar sobre a função dos elementos modalizadores no já supracitado gênero textual. Para tanto, lançaremos mão dos pressupostos teóricos apresentados pela teoria da modalização na língua, a partir Castilho e Castilho (1993), Cervoni (1989) e Koch (2002). Teremos ainda, como aporte, as contribuições apresentadas pela Teoria da Argumentação na Língua, com base em Ducrot e Colaboradores (1994). Em síntese, essas teorias entendem que sempre que apresentamos nossos discursos, apresentamos, também, por meio das escolhas linguísticas que utilizamos, formas que indicam como esse nosso discurso deve ser lido. As análises empreendidas por nós revelaram que elementos compreendidos como “adjetivos” pela gramática tradicional funcionam, na verdade, como estruturas que orientam os enunciados dos falantes de forma argumentativa, e que a função de um adjetivo vai além de simplesmente dar característica ao substantivo.

**Palavras-chave:** Carta do leitor, Modalização, Argumentação, Leitura.

### INTRODUÇÃO

Sabedores de que nossos discursos são produzidos com base em nossas intenções e que na própria estrutura linguística há estruturas que revelam a subjetividade do produtor do locutor frente aos seus interlocutores, constitui nosso objetivo, neste artigo, apresentar uma análise dos elementos modalizadores no gênero textual *carta do leitor*. Inicialmente, trataremos da questão da Teoria na Argumentação na Língua, proposta por Ducrot e colaboradores (1988, 1994), pois, uma vez que essa teoria propõe que a língua é argumentativa por natureza e quando a utilizamos temos determinados objetivos e intenções, faz-se necessário discutir um pouco sobre essa questão, visto que entendemos que a modalização pode ser vista como um recurso argumentativo utilizado pelos falantes.

Posteriormente, buscaremos apresentar alguns pontos a questão da Modalização na língua, baseados em estudiosos como Castilho e Castilho (1993), Cervoni (1989), Koch (2002) e Nascimento (2009). É importante ressaltar, de início, que a Modalização é apresentada como um fenômeno que estuda/explica a forma como o locutor deixa registrado aquilo que ele apresenta no seu enunciado, ou seja, seu conteúdo proposicional, e a forma

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da UFPB. Professor efetivo do Instituto Federal de Alagoas, Campus Murici. E-mail: marco\_sil2@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da UFPB. Professor efetivo do Instituto Federal do Ceará, Campus Tauá. E-mail: luizao\_andrade2008@hotmail.com

como ele deseja que esse conteúdo seja apreendido. Esse “desejo”, isto é, esta forma de subjetividade é identificada por meio de marcas linguísticas deixadas pelo locutor no momento em que apresenta seu discurso. Dessa forma, a modalização pode ser percebida como um recurso argumentativo linguisticamente materializado.

O gênero *carta do leitor*, aqui analisado, será compreendido enquanto gênero textual/discursivo, conforme estudos empreendidos por Bakhtin (2000), enquanto “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados”, e Marcuschi (2009), enquanto textos produzidos com objetivos diversos, nas diferentes esferas sociais. As cartas analisadas foram coletadas de várias edições da revista VEJA, que tem circulação nacional. Ressaltamos que este gênero é visto como um texto pertencente à esfera jornalística, podendo estar presente tanto em revistas quanto em jornais, e tem como objetivo apresentar uma reclamação, um elogio, um comentário ou mesmo um pedido.

Após as análises do nosso objeto de estudo, apresentaremos algumas breves considerações a respeito da própria análise, do funcionamento real dos elementos observados, bem como a implicação de um ensino baseado em uma concepção tradicional/estruturalista de língua.

## **1. MODALIZAÇÃO E ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA**

A Teoria da Argumentação proposta por Ducrot (1988) e Ducrot e colaboradores (1994) percebe a argumentação como algo inerente à língua. Essa concepção está vinculada ao fato destes linguistas verificarem que na significação de determinados enunciados, há orientações de natureza argumentativa. De acordo com esses estudiosos, essa teoria tem “[...] como principal objetivo se opor à noção tradicional de sentido” (1988, p.49). Para tal oposição, foram traçadas algumas considerações a respeito da noção de sentido.

Segundo Ducrot (1988), a noção tradicional de sentido afirma que um enunciado apresenta três indicações de sentido: objetivas (com a função de descrever algo da realidade), subjetivas (revela a intenção do falante), e intersubjetivas (o efeito provocado pelo falante nos interlocutores).

Para explicar sua crítica a essa noção, Ducrot (1988, p. 50) traz o enunciado: “Pedro é inteligente”. Nesse enunciado, o sentido objetivo é a descrição de uma realidade, no caso Pedro; o subjetivo é a intenção do falante ao mostrar admiração por Pedro e o intersubjetivo é o que o falante espera causar no seu interlocutor, ou seja, que o outro pode confiar em Pedro.

Assim, para Ducrot (1988), se a realidade é descrita através da linguagem, essa forma de descrevê-la se dá por meio dos aspectos subjetivos e intersubjetivos. A junção desses aspectos é considerada por esse autor como o valor argumentativo dos enunciados.

Percebendo, pois, que em todas as esferas sociais precisamos expor nossas opiniões, argumentar, discutir sobre fatos do cotidiano, acrescentamos ao nosso estudo a contribuição de Espíndola (2004, p.13) ao afirmar que, não só a língua é argumentativa, como propunha Ducrot (1988), mas “o uso também é argumentativo”.

De acordo com Koch (2004, p. 17), “a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade”. Essa interação – ação verbal – é marcada por uma intenção, pois quem fala tem um objetivo para com o outro, seja para prender sua atenção, convencer o outro a fazer algo, opor-se ao outro ou impor seu ponto de vista, sobre o outro. Assim, pode-se dizer que argumentar é orientar o discurso tendo em vista uma conclusão pré-determinada.

Ainda para Ducrot (1997), há na estrutura da língua elementos que constituem a ossatura interna dos enunciados. Se pensarmos que esses elementos podem ser apontados como adjetivos, advérbios, dentre outro, podemos dizer que essas estruturas revelam a subjetividade existente nos enunciados. Logo, é possível dizer que o fenômeno da modalização é também argumentativo.

## 1.1 O FENÔMENO DA MODALIZAÇÃO

Sempre que construímos nossos discursos, sinalizamos o sentido que queremos que seja apreendido pelo(s) interlocutor(es). Para isso, oferecemos pistas que orientam o objetivo da nossa ação linguística. A modalização é, nesse sentido, uma estratégia semântico-argumentativa que desempenha o papel de determinar o sentido dos enunciados.

A Teoria da Modalização, sob o olhar de Castilho e Castilho (1993, p. 201), destaca que muito se tem indagado sobre “[...] a importância do modo na estruturação e na interpretação semântica das sentenças”. Ainda sobre essa questão, Nascimento (2009, p. 37) traz um conceito sobre a teoria da modalização:

[...] a teoria da modalização se apresenta como uma teoria que explica como um locutor deixa registrado, no seu discurso, marcas de sua subjetividade através de determinados elementos lingüísticos e, portanto, imprime um modo como esse discurso deve ser lido.

Assim, depreendemos, a partir do conceito citado, que, em nossos eventos comunicativos, toda vez que queremos expressar nossa subjetividade, utilizamo-nos de alguns

recursos com o objetivo de fazer o interlocutor entender o sentido do texto proferido. A modalização é, portanto, “[...] uma estratégia argumentativa que se materializa linguisticamente” (NASCIMENTO, 2009, p. 38). Modalizar é, por assim dizer, argumentar, é deixar claro como quero que a informação seja processada.

Santos (2000, p. 1), a partir dos estudos empreendidos por Dubois (1973), afirma que “[...] a modalização é uma categoria que permite ao falante expressar uma atitude em face do enunciado que produz.”. Assim, a modalidade pode ser entendida como um sinônimo de modo e, por sua vez, indica um tipo de relação construído entre os interlocutores envolvidos no processo de comunicação/interação.

Ressaltamos que alguns autores apontam uma diferença entre modalidade e modalização, porém Castilho e Castilho não distinguem modalidade de modalização. Para eles esses termos são considerados sinônimos. Neste nosso empreendimento, também não faremos distinção entre tais termos, isto é, usaremos um pelo outro.

Segundo Castilho e Castilho (1993), a modalização põe em movimento diversos recursos linguísticos:

- (1) a prosódia, como nos alongamentos vocálicos e na mudança de tessitura, em “trabalhei mui::to, mas muito MESmo”;
- (2) os modos verbais;
- (3) os verbos auxiliares; como *dever*, *poder*, *querer* e os verbos que constituem orações parentéticas e matrizes como *achar*, *crer* *acreditar* [...];
- (4) adjetivos, só ou em expressões como “é possível”, “é claro”, “é desejável”;
- (5) advérbios como *possivelmente*, *exatamente*, *obviamente* etc;
- (6) sintagmas preposicionados em função adverbial, como “na verdade”, “em realidade”, “por certo” etc. (2002, p. 202).

Neves (2000, p. 188), quando trata da modalização possibilitada por meio dos adjetivos, apresenta o seguinte exemplo: “Pareceu-me o meio mais simples de evitar uma possível crise na família”. De acordo com essa autora, o adjetivo “possível” indica a forma como o ouvinte deve entender o que está sendo apresentado pelo locutor, ou seja, esse elemento recai sobre a expressão “crise na família” e se trata de modalizador com valor epistêmico, algo que pode acontecer.

Os elementos linguísticos que materializam a modalização, ou seja, os modalizadores, são divididos, conforme Castilho e Castilho (2002) em três grupos: modalização epistêmica, modalização deôntica e modalização afetiva.

Nascimento (2009) retoma essa classificação e a sistematiza da seguinte forma:

Quadro I: Tipos de modalização.

Modalização	Imprime no enunciado
Epistêmica	Considerações sobre o valor de verdade do seu conteúdo proposicional.
Deontica	O conteúdo proposicional do enunciado deve ou precisa ocorrer.
Avaliativa	Uma avaliação ou juízo de valor a respeito do seu conteúdo proposicional, executando-se qualquer avaliação de natureza epistêmica ou deontica.

Tipos de Modalização (NASCIMENTO, 2009, p. 47)

De maneira mais explicitada, porém concisa, teceremos algumas considerações a respeito dos já mencionados tipos de modalização. Nessas considerações, seguiremos a classificação sistematizada por Nascimento (2009), visto que, assim como esse autor, percebemos que na modalização “afetiva” também há uma avaliação, por parte do interlocutor, do conteúdo proposicional apresentado.

**Modalização epistêmica** – acontece quando se expressa uma avaliação a respeito do valor e condições de verdade das proposições. Esse tipo de modalização pode ser dividido em três subclasses: a dos modalizadores asseverativos, dos quase-asseverativos e dos delimitadores.

- Os *asseverativos* são selecionados para apontar que o falante considera a proposição certa, verdadeira.

Essa proposição apresentada pelo falante não deixa vestígios de dúvidas, seja ela uma afirmação ou uma negação. Dessa forma, ao se expressar, o falante imprime forte adesão ao conteúdo proposicional. Da lista apresentada por Castilho e Castilho (1993, p. 206-207), citamos alguns afirmativos: *efetivamente, obviamente, absolutamente, verdadeiramente, indubitavelmente, claro, certo, lógico, pronto, sem dúvida etc.*

- Os *quase-asseverativos* são selecionados quando o falante considera o conteúdo quase certo ou como uma possibilidade que espera ser confirmada ou não.

Ao selecioná-los, o falante não se responsabiliza pelo valor de verdade ou de falsidade do conteúdo proposicional. Decorre, então, expressar uma baixa adesão à proposição. Castilho e Castilho (op. cit., p. 207) listam os seguintes modalizadores quase-asseverativos: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente.*

- Os *delimitadores*, por sua vez, são selecionados para estabelecer limites dentro dos quais é possível considerar o conteúdo proposicional.

Quando escolhidos, o falante propõe uma negociação entre os interlocutores com a intenção de manter o diálogo. Dessa forma, constata-se que os delimitadores possuem uma força argumentativa que se sobressai em relação à força argumentativa dos asseverativos e

dos quase-asseverativos. Na lista dos delimitadores destacados por Castilho e Castilho (ibidem) identificam-se os seguintes delimitadores: *quase, um tipo de, uma espécie de, em geral, em princípio, fundamentalmente, basicamente, praticamente, do ponto de vista de + adj., geograficamente, biologicamente, historicamente, profissionalmente, pessoalmente.*

**Modalização deôntica** – ocorre quando o falante se expressa considerando a obrigatoriedade do conteúdo proposicional, ou seja, o conteúdo deve, precisa ocorrer. Dessa forma, o objetivo do falante é atuar fortemente sobre o interlocutor. Entre outros modalizadores deônticos que podem ser encontrados, quando ocorre a modalização deôntica, destacamos os seguintes: *obrigatoriamente, necessariamente, etc.*

**Modalização avaliativa** – como citado anteriormente, ocorre quando o falante usa modalizadores para expressar uma “[...] avaliação ou juízo de valor a respeito do seu conteúdo proposicional, executando-se qualquer avaliação de natureza epistêmica ou deôntica” (NASCIMENTO, 2009, p. 47).

Pelas reflexões feitas nesse embasamento teórico, como bem afirma Koch (2006, p. 65), “[...] fica patente que a argumentatividade permeia todo o uso da linguagem humana, fazendo-se presente em qualquer tipo de texto e não apenas naqueles tradicionalmente classificados como argumentativos”.

## 2. SOBRE O GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO *CARTA DO LEITOR*

O texto *carta do leitor*, enquanto gênero do discurso, noção trazida para os estudos linguísticos por Bakhtin (2000, p. 279) é entendido como “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados” e é constituído de três elementos: conteúdo, estilo e estrutura composicional.

Segundo ainda esse autor, esses tipos de discurso são produzidos pelas diversas esferas da sociedade. Dessa forma, encontramos nessas produções o caráter sociointeracional da linguagem, uma vez que pensamos a língua enquanto atividade social e interacional.

Sobre a noção de gêneros textuais, Marcuschi (2009, p.155) assevera que:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Situando, então, nosso objeto de análise, podemos dizer que a *carta do leitor* é um gênero que tem origem no domínio discursivo – ambiente que propicia o surgimento de novos gêneros – jornalístico. Esse gênero, assim como os demais existentes, tem como objetivo/propósito comunicativo apresentar uma sugestão, uma reclamação, uma opinião sobre um determinado assunto apresentado pela revista (ou jornal) sobre uma determinada

matéria apresentada, geralmente em edições anteriores. Funciona, pois, como um objeto que aproxima, de certa forma, os responsáveis pela produção da notícia, da reportagem, dos textos em geral, daqueles que estão, de alguma forma, longe, geograficamente falando, e que, possivelmente, nem se conhecem.

### 3. ANÁLISES

Os textos ou recortes aqui apresentados foram coletados em diversas edições da revista VEJA, um total de 10 edições, do ano de 2011. Para estabelecermos um critério de análise, achamos interessante fazer o recorte das cartas pelo assunto comentado nas mesmas. Assim, analisamos apenas aquelas que tratam da questão da “corrupção”.

Por motivo de espaço, e evitando causar repetições, traremos para este artigo apenas algumas cartas (e, às vezes, recortes) e suas análises. Ressaltamos que nosso *corpus* é composto por 63 cartas do leitor. Ao final das análises, apresentaremos um quadro que demonstrará todas as ocorrências dos elementos modalizadores identificados ao longo do nosso estudo, bem como uma breve discussão sobre o que essas ocorrências representam.

#### I) Modalização do tipo Deôntica

Com o intento de retomarmos algumas noções básicas sobre a modalização, lembramos que na modalização do tipo deôntica o locutor apresenta o conteúdo proposicional como sendo algo que obrigatoriamente deve acontecer.

Texto 01:

**Aplaudamos** a atitude célere da presidente Dilma e **fazamos** uma corrente de confiança e apoio [...]. **Temos de** reagir, trabalhadores, estudantes, donas de casa, blogueiros, membros de redes sociais, e nos doar pela moralização política. *VEJA, 20/07/11, p. 38*

O trecho 01 apresenta três ocorrências verbais que, assim como no texto anterior, funcionam como modalizadores deônticos: *aplaudamos*, *fazamos*, e a expressão *temos de*, atribuindo a esse enunciado a necessidade de se fazer, indubitavelmente, o que esses verbos “exigem”, a fim de resgatar a moralidade do Brasil, prejudicada pelos frequentes casos de corrupção.

Texto 02:

Escândalos se sucedem todas as semanas e nada é capaz de tirar o povo da letargia. [...] Não existe oposição capaz de mobilizar a sociedade. Triste realidade. **Precisamos tirar** o povo desse sono profundo. *VEJA, 24/08/11, p. 34*

Neste trecho, é possível perceber que o uso da expressão “precisamos tirar”, é uma estratégia de fazer o interlocutor concordar decisivamente com a ideia de que o povo

brasileiro é indiferente aos escândalos de corrupções. Dessa forma, o locutor emprega a modalização do tipo deontica para firmar a sua intenção de impor uma ordem a ser cumprida pelo(s) interlocutor(es).

Quando o locutor usa “precisamos”, verbo na primeira pessoa do plural, ele não só indica que algo deve ser feito como se inclui entre esses que devem fazer esse “algo”.

## II) Modalização do tipo Epistêmica

Sobre a modalização do tipo epistêmica, o locutor apresenta uma avaliação sobre o valor de verdade do conteúdo apresentado. Como abordado anteriormente, esse tipo de modalização pode ser dividido em três subclasses: modalização asseverativa, quase-asseverativa e delimitadora. Nesta pesquisa, constatamos que o tipo asseverativo não foi utilizado nas cartas analisadas.

### a) Quase-asseverativa

Texto 03:

Que bela noção de cidadania foi dada pelos milhares de participantes das marchas de protesto contra a vergonhosa corrupção arraigada na classe política do país. [...] **Creio que**, finalmente, chegou a hora da tão sonhada mudança, uma vez que o primeiro passo já foi dado. **Parece que** o Brasil decente está acordando. [...].  
VEJA, 21/09/11, p. 36

### b) Delimitadora

Texto 04:

Fui um dos vizinhos de Wagner Rossi aqui em Jardim Recreio, bairro de Ribeirão Preto em que ele morou no começo da carreira política. [...] Lembro-me de quando chegou para morar nesse bairro. **Naquele tempo**, havia mais árvores do que casas por aqui e seus filhos tinham o hábito de matar todos os tipos de pássaros com espingarda de chumbo.  
VEJA, 24/08/11, p. 34

Neste texto, observamos que o locutor responsável pelo discurso, ao selecionar a expressão “naquele tempo”, situa limite de tempo dentro do qual o conteúdo proposicional pode ser considerado. Nesse caso, o locutor delimita o tempo em que foi vizinho de Wagner Rossi, e somente nesse período “quando chegou para morar nesse bairro” é que as considerações podem ser ponderadas.

Texto 05:

A reportagem “Pobres homens ricos” (27 de julho) aponta para [...]. **Nos dias atuais**, tal fato já se constitui uma verdadeira epidemia, atingindo de perto **praticamente** todas as instituições do governo federal e outros setores da nossa sociedade.  
VEJA, 03/08/11, p. 36



Conforme o que acontece no texto 05, o locutor delimita as considerações que podem ser analisadas em seu discurso. Dessa vez, o uso do delimitador quase-asseverativo “nos dias atuais” (atualmente) evidencia que o que se diz se refere ao tempo atual, não podendo o locutor associar o que foi dito a tempos passados.

Essa estratégia de argumentação utilizada pelo locutor, ou seja, o uso de delimitadores é reforçada quando do uso de mais um delimitador – “praticamente” – no mesmo discurso. Agindo assim, o responsável pelo discurso sugere uma negociação de diálogo com os interlocutores: não ultrapassar o limite das proposições discursivas.

### III) Modalização do tipo Avaliativa

A modalização do tipo avaliativa apresenta uma avaliação sobre o conteúdo proposicional apresentado pelo locutor do texto. Vejamos alguns exemplos em que ocorrem o uso desse tipo de modalização pelo produtor do texto.

Texto 06:

Ao ler com grande satisfação a reportagem de VEJA, acredito que ainda há esperança! O povo **bravamente** acordou da letargia que o consome e foi à luta. Se cada [...]. *VEJA, 21/09/11, p. 36*

No exemplo do texto 06, o locutor usou a estrutura “bravamente” para, de acordo com seu objetivo diante do seu interlocutor, avaliar a forma como o povo despertou do estado letárgico em que se encontrava e encontrou forças para lutar por um estado de moralidade no Brasil, isso em relação, como já dissemos anteriormente, aos casos de corrupção.

Texto 07:

Desculpem-me os eleitores que votam com dignidade e respeitam o país, mas **infelizmente** existem brasileiros que vendem seus preciosos votos por miséria e elegem “bandidos” que ficam impunes. *VEJA, 15/07/11- p. 39.*

Sobre o trecho 07, podemos afirmar que o advérbio “infelizmente”, que a gramática tradicional classifica como “advérbio de modo”, aqui, nesse recorte, foi utilizado com a intenção de mostrar ao interlocutor do texto que há uma marca de subjetividade, isto é, o locutor avalia a forma como ele se sente diante do fato de muitos brasileiros ainda venderem seus votos, tendo como causa desses atos a miséria em que vivem e como consequência, o próprio descaso dos políticos, frente à pobreza, e ainda visto que a venda dos votos já é um caso de corrupção.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo em vista uma análise do quadro apresentado abaixo, é possível perceber que houve uma grande ocorrência da modalização do tipo deôntica em relação aos demais tipos. Talvez, esse fato possa ser explicado pela questão do “tema” sobre o qual as cartas dirigidas à revista tratam, a corrupção. Daí, pensamos que as opiniões, os posicionamentos dos locutores ao enviarem suas cartas à VEJA, tenham um forte “poder de ordem” em seus posicionamentos, ou seja, apresentam, de certa forma, uma revolta diante dos acontecimentos e, ainda, atitudes que *devem* ser tomadas para que tal situação se resolva.

Quadro II: Total de ocorrências de modalização.

TIPO DE MODALIZAÇÃO	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
<i>DEÔNTICA</i>	24
<i>EPISTÊMICA</i>	
Asseverativa	0
Quase-asseverativa	6
Delimitadora	4
<i>AVALIATIVA</i>	4

Quadro geral das ocorrências da modalização na carta do leitor

A partir das análises do nosso *corpus*, inicialmente, podemos dizer que das 60 cartas coletadas, identificamos a presença de modalização em 38. No tocante à modalização do tipo epistêmica asseverativa, conforme se faz presente no quadro, não identificamos qualquer ocorrência dessa forma. Em relação ao tipo quase-asseverativa, foram identificadas seis ocorrências, enquanto a delimitadora e a avaliativa, ambos os tipos, ocorreram quatro vezes.

Podemos entender, com base nos resultados obtidos, que a ocorrência demasiada das deônticas, total de 24, pode ser explicada pelo fato de que muitos brasileiros, à época da publicação da revista, se sentiram indignados com tanta corrupção no país, principalmente aqueles que travam batalhas diárias em busca de salários que possam lhes garantir uma vida digna e, portanto, quando se “impõem” por meio dos seus textos, apresentam suas insatisfações e possíveis soluções como sendo algo que deve acontecer, urgentemente, para que a situação seja resolvida.

A modalização avaliativa, assim como a delimitadora, foi identificada 4 vezes. Entendemos, portanto, que mais que a intenção de avaliar diretamente, os leitores tinha a intenção de ordenar para que alguma coisa mudasse. E tal ordem era, naturalmente, expressa por meio do seu texto. Pensamos, pois, que a leitura de um gênero deve ser pensada com base não apenas na identificação de informações superficiais, mas é preciso entender que todo

texto é argumentativo e quando o produtor se dispõe a produzir o seu texto, há nele, sempre, marcas das intenções pelas quais o texto foi escrito.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convém assinalar que muito além do que é proposto pelas gramáticas tradicionais, elementos como adjetivos, advérbios, e mesmo os verbos, são utilizados cotidianamente pelos indivíduos como uma forma de orientar os seus interlocutores – e, nesse caso, há sempre uma intenção para tal atitude – para a forma como se deseja que os textos sejam lidos.

Logo, é bem pertinente afirmar que a presença de elementos modalizadores no gênero *carta do leitor* aqui analisado, constitui uma estratégia argumentativa, da qual os produtores textuais se utilizam das formas presentes na própria estrutura da língua e agem sobre os outros, com base em seus determinados objetivos. Esse fato, de certa forma, comprova o que já foi postulado por Ducrot (1988) quando diz que a língua é por natureza argumentativa.

Assim, pensamos que não faz sentido perceber a língua, e seu ensino, apenas enquanto estrutura, mas saber que nos usos reais, alguns elementos funcionam de forma diferente do que é proposta pelas regras normativas, ou seja, que nos usos concretos que fazemos da língua, há palavras que de alguma forma orientam argumentativamente os enunciados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSCOMBRE, J-C; DUCROT, Oswald. *La argumentación en la lengua*. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1994.
- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do Português Falado. Vol. II: Níveis de Análise Linguística: 2ª Edição*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- CERVONI, Jean. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Polifonia y argumentación: conferencias del seminario teoría de la argumentación y análisis del discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- KOCH, I.G. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez: 2002.
- NASCIMENTO, Erivaldo P. *Jogando com as vozes do outro: argumentação na notícia jornalística*. João Pessoa: Editora Universitária/EDUEPB, 2009.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- SANTOS, Maria Francisca de Oliveira. A modalidade no discurso de sala de aula, em contexto universitário. In: *Revista do GELNE, Vol. 2, N.2, 2000*.

